REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 62
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

REVISTA 62
LINGUAGEM, PERCEPÇÕES E HISTÓRIAS: CONHECIMENTOS QUE NOS ATRAVESSAM



AULAS DE MÚSICA PARA SURDOS: POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

MUSIC CLASSES FOR THE DEAF: POSSIBLE PEDAGOGICAL STRATEGIES

Thaynara Lima Lessing
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, RS/Brasil

Caroline de Azevedo Echer Rech
Universidade de Caxias do Sul - UCS, Caxias do Sul/RS, Brasil

Letícia de Azevedo Echer Dal'Carobo
Universidade de Caxias do Sul - UCS, Caxias do Sul/RS, Brasil

Giovana Medianeira Fracari Hautrive[1]
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, RS/Brasil

Resumo: Pensar a prática pedagógica para estudantes surdos incluídos em aulas de música está no cerne da problemática deste artigo, dada a formação inicial de professores de música e a experiência na disciplina de Libras no curso de Música – Licenciatura, numa Universidade Federal de Santa maria. Objetivamos discutir estratégias pedagógico-musicais voltadas ao ensino de música para surdos, realizando duas oficinas em uma escola bilíngue para surdos no interior do Rio Grande do Sul. Como resultados, destacamos a experiência dos surdos com a música por meio de estratégias visuais, elementos possíveis no planejamento, inspirando buscas pedagógicas de superação do silêncio musical que historicamente é imposto aos estudantes surdos.

Palavras-chave: Educação Musical. Surdez. Libras.

Abstract: Considering pedagogical practice for deaf students included in music classes lies at the heart of the issue addressed in this article, given the initial training of music teachers and the experience in Brazilian Sign Language (Libras) within the Music Education undergraduate program at a Federal University de Santa maria. Our aim is to discuss pedagogical-musical strategies focused on teaching music to deaf students, conducting two workshops at a bilingual school for the deaf in the interior of Rio Grande do Sul. As results, we highlight the deaf students' experience with music through visual strategies, possible elements in planning, inspiring pedagogical efforts to overcome the musical silence historically imposed on deaf students.

Keywords: Music Education. Deafness. Brazilian Sign Language (Libras).

[1] Professora orientadora, responsável pela disciplina de Libras no curso de Música - Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no ano de 2019.

Thaynara Lima Lessing, Caroline de Azevedo Echer Rech, Letícia de Azevedo Echer Dal'Carobo, Giovana Medianeira Fracari Hautrive. AULAS DE MÚSICA PARA SURDOS: POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.62, nº62, p. 1-20, e1480, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



1 SITUANDO A PESQUISA

Pensar a educação musical para surdos remete abordar questões históricas e conceituais que circulam a proposta educacional do ensino da música de forma geral, pois "sua interligação com outros fenômenos sociais tais como a religião, a política, e outras formas de expressão artística, contribuíram para o lugar de destaque que ela tem ocupado na vida humana" (SIMÕES, 2016, p. 86). Entretanto, é importante salientar que por muito tempo, o ensino de música foi compreendido numa perspectiva seletiva, ou seja, a experiência do fazer/viver musical não alcançava a grande parte das populações por questões sociais, econômicas ou políticas. Segundo Koellreutter (1998, p. 40-41)

> [...] a função da arte varia de acordo com as intenções da sociedade. Porque o sistema social, o sistema de convivência inter-humana, é governado pelo esquema de condições econômicas. [...] Na nossa sociedade, o conceito de "arte representativa", como objeto de ornamentação de uma classe social privilegiada, como um "status-símbolo" na vida privada de uma elite social não envolvente, não é mais relevante.

Atualmente, o fazer musical tem sido compreendido como uma manifestação artística mais abrangente, que valoriza a musicalidade e o potencial de cada indivíduo para experienciar e assimilar a música. Essa concepção pode ser observada na mudança de abordagem dos educadores musicais, que passaram a olhar para cada pessoa como um ser musical, respeitando sua bagagem cultural e familiar. Para melhor compreensão, trazemos para esta discussão o educador musical Murray Schafer (1991). O autor comenta que "a ideia de abrir para possibilidades criativas na educação musical iniciou-se com poucos e, gradativamente, as novas ideias foram iluminando outros educadores e instituições educacionais" (BÜNDCHEN, 2005, p. 53).



Pensando no contexto desta pesquisa, mesmo com a ampliação destas concepções acerca das possibilidades imbricadas ao experienciar musical, nos deparamos com a realidade de que há um grupo de pessoas que não pode vivenciar a música, se olharmos apenas pelo sentido da audição.

> Quando pensamos nas pessoas surdas e em sua relação com os sons, comumente voltamo-nos para a condição da existência de uma audição regular para experiências sonoras, uma ideia que se alicerça em premissas negativas relativas aos rótulos e aos limites. Por esta perspectiva, a musicalidade, ou seja, o comportamento humano relativo às vivências sonoras naturais e culturais, em termos de sua percepção, expressão e criação, estaria atrelada à audição como condição para as experiências musicais (PAULA; PEDERIVA, 2022, p. 4).

No entanto, Rodrigues e Gattino (2015), afirmam em seus estudos que "o surdo também possui sua própria 'musicalidade interna', a qual devemos valorizá-la ao máximo e permitir que seja transmitida por ele" (p. 57). Com vistas nisto, é importante entendermos que a relação de uma pessoa surda com a experimentação musical, acontece por outros sentidos, compreensões e impressões que abrirão caminhos para um fazer musical potente e significativo. Nesse sentido, é preciso [re]significar o olhar para que a experiência aconteça de outras formas, por meio de outros canais, como a visualidade. Neste movimento, também está envolvida a qualificação da formação inicial de professores de música, que se propõe a pensar em outrAs possibilidades de se experimentar e fazer música, tornando as práticas inclusivas e consolidando formas de ensinar e aprender.

Em termos legais, trazemos as leis nº 11.769/2008 e n° 13.278/2016 que estabelecem diretrizes para a inclusão da música no currículo escolar, garantindo que ela seja parte integrante da formação escolar dos estudantes. É importante destacar que, neste contexto, é direito de todos os estudantes, surdos e ouvintes participarem das aulas, oportunizando o desenvolvimento musical discente. Assim, é interessante que os professores reflitam sobre sua responsabilidade em desenvolver práticas musicais que incluam os alunos surdos, motivando-os a participarem

ativamente das aulas de música, promovendo seu engajamento e o sentimento de pertencimento ao grupo.

Há estudos que indicam meios possíveis para provocar o surdo a compreender e experimentar a música, a Terapia Vibroacústica (V.A.) é uma possibilidade. Nesta abordagem, a vibração é utilizada para que o surdo possa entrar em contato com a música e experimentá-la. Junto disto, pesquisas de Sacks (2007) divulgam que muitos surdos gostam de música e respondem ao ritmo, que é sentido como vibração, e não como som. Para que a vibração seja sentida de forma mais acentuada, são utilizados tablados de madeira associados ao uso de instrumentos musicais.

> Assim como entre os ouvintes existem pessoas que não gostam de música, também entre os surdos existem aqueles que gostam e, também, aqueles podem até mesmo odiar a música. O que será um fator decisivo no momento de trabalharmos com estes educandos, será o fato de levarmos em consideração suas bagagens culturais, principalmente buscando o respeito pelas características e peculiaridades apresentadas pela comunidade surda, que obviamente tem algumas diferenças com relação a comunidades compostas prioritariamente por ouvintes. (GRIEBELER; SCHAMBECK, 2014, p. 2).

Pensando em aproximações, a Terapia Vibroacústica pode SER explorada, também, a partir do uso de instrumentos musicais. Neste caso, abordamos esta prática à luz da Musicoterapia, uma abordagem terapêutica que "busca o desenvolvimento e/ou restauração de funções e potenciais do indivíduo, a partir do processo ou fazer musicoterapêutico" (RODRIGUES; GATTINO, 2015 p. 63). Esta abordagem utiliza quatro ferramentas básicas para que o paciente se manifeste neste processo, sendo eles, a música, os sons, a voz e os instrumentos musicais. Pensando na implementação de práticas, a partir do uso dos instrumentos musicais, é importante trazer instrumentos que sejam percebidos com maior intensidade, considerando o aspecto sensório-tátil. Para provocar esta sensação, os instrumentos de frequências mais baixas e superfícies vibratórias maiores são os mais



adequados, visando a intensidade das sensações, tais como bumbo, tantã, tumbadora, cabulete etc.

A respeito disto, Gattino e Rodrigues (2015, p. 63) apontam para a obra Manual de Musicoterapia do pesquisador Rolando Banezon (1985). O autor “sugere a troca do sistema auditivo por soluções sensório-tatéis na relação surdo-música, assim permitindo ao surdo, uma relação e apreciação do som que o envolve (música-movimento)”, ainda “as ondas vibratórias chegariam até a pele, músculos e ossos do sujeito, alcançando o sistema nervoso autônomo do mesmo, possibilitando o surdo de perceber o ritmo, a acentuação, a altura, a intensidade e a duração do som”.

Outra possibilidade de prática para mobilizar as vivências musicais para surdos se dá pela relação do som com as cores. As modalidades de percepção, no caso a audição e a visão, atuam de maneira integrada. Segundo Rodrigues (2015), a música alcança todos os sentidos humanos, ainda que a pensemos como uma forma de arte caracteristicamente “auditiva”. A partir do contato com música, em nosso organismo são originados estímulos motores, táteis e visuais, permitindo-nos responder por meio destes canais sensoriais.

Com o avanço da tecnologia, foram desenvolvidos programas que articulam e estimulam os sentidos. neste caso a audição e a visão, com intuito de proporcionar experiências musicais significativas. Um exemplo é o *CromoTMusic*, desenvolvido pelo musicoterapeuta Igor Ortega Rodrigues. A proposta do software é converter padrões musicais (intensidade, dinâmica, duração, intervalos, sons, silêncios, tonalidade e métrica) em padrões visuais, utilizando cores, formas e luzes (RODRIGUES, GATTINO e SANTOS, 2014). Esse software também pode ser utilizado na musicoterapia, proporcionando momentos em que as “pessoas surdas poderão se beneficiar criando novos canais de comunicação, exercitando a memória, estimulando a criatividade, trabalhando a emoção, a sensorialidade, além de expor sua própria musicalidade.” (RODRIGUES e GATTINO, 2015).



No que se refere à relação entre surdo-música-voz, é importante pensar a voz como uma identidade sonora pertencente a cada indivíduo, denominada timbre. Mesmo que, a voz não seja utilizada de forma cantada ou falada efetivamente, a percebemos por meio de sons emitidos, pelas vibrações e sensações que causam ao nosso sentido sensório-tátil. Nesse sentido, a fonoaudióloga Nadir Haguiara-Cervellini (2003) “conta como uma jovem surda consegue apreciar e distinguir se a música possui voz ou se é instrumental, quais instrumentos estão presentes na música e qual é o estilo da música tocada no rádio, pelo sentido do tato” (RODRIGUES; GATTINO, 2015, p. 65). Por este viés, destacamos que o estímulo à percepção do timbre pela voz falada ou cantada, pode mobilizar o surdo a sentir e diferenciar eventos sonoros ao seu redor, e ainda, identificar a fonte sonora e sua intensidade a partir de habilidades sensório-táteis.

Para conhecimento, é importante destacar que, atualmente, existem alguns grupos musicais que mobilizam estratégias para a inclusão de integrantes surdos. Os grupos geralmente se originam de projetos sociais e são formados, integrando músicos surdos e ouvintes. Alguns exemplos no Brasil são os Ab’surdos de Uberlândia, o Surdodum de Brasília e o Batuqueiros do Silêncio, de Recife.

2 VIVÊNCIAS POSSÍVEIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MÚSICA: O SURDO, A VISUALIDADE E A EXPERIÊNCIA COM A MÚSICA

O surdo é o sujeito da visualidade. Compreendemos este elemento quando problematizamos questões que envolvem a comunicação. Para o ouvinte, ocorre majoritariamente de maneira oral/auditiva e para o surdo se dá por outros canais. Assim como os ouvintes, os surdos também convivem com a relação “som-silêncio”, porém de uma maneira diferente. A Língua de Sinais (LIBRAS) traz para o surdo o conhecimento/reconhecimento sobre o mundo em que vive. É nesse sentido que o



surdo tem o direito linguístico de ser respeitado na sua língua que é visual gestual, a Língua de Sinais.

É recorrente que as pessoas, pelo senso comum, acreditem ser adequado se referir ao surdo como *deficiente auditivo* ao invés de simplesmente *surdo.* Porém, o termo *surdo* "reconhece a dimensão política, linguística, social e cultural da surdez" (GESSER, 2009, p.46), enquanto *deficiente auditivo* reforça um olhar fisiológico, sobre o déficit de audição. De acordo com o artigo 2º do decreto nº 5.626/2005, "considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras".

Ao longo da história, a comunicação dos surdos por meio da Libras foi vista de maneiras diferentes. Neste contexto, para ser considerada "língua", ela deveria ter uma representação gráfica e/ou realização fonética, com sons articulados. Então, somente após a publicação do pesquisador Willian Stokoe em 1960, a Libras foi considerada língua contemplando aspectos gramaticais como qualquer outra.

O uso da língua de sinais por pessoas surdas é elemento que garante a construção do pensamento, as elaborações abstratas e as várias interpretações que precisamos realizar sobre o contexto social que estamos inseridos. É por meio da Libras que os sujeitos surdos são capazes de elaborar seus pensamentos, transformar seus conceitos e assumir lugares culturais e sociais. Nesta perspectiva, a construção do sujeito surdo pode se dar, também, por meio da Libras, uma vez que "a linguagem que usamos para ler o mundo determina, na maior parte, a forma como pensamos e agimos no mundo e sobre ele" (VOLOSINOV, 1973 apud MCLAREN, 2001).

Com vistas nisto, é essencial ofertar espaço pedagógico para surdos que contemplem suas especificidades visuais/linguísticas, garantindo condições básicas para o desenvolvimento pleno e digno, respeitando a sua integridade. É nesse processo de legitimação da língua que a identidade surda se constrói.



Em termos legais, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida em todo território nacional a partir da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Esta lei reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão no país, buscando a regulamentação do idioma. Em parágrafo único, a legislação brasileira entende Libras como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002).

Em relação à Língua de sinais, salientamos que para o desenvolvimento de uma sinalização compreensível, é necessário respeitar os parâmetros linguísticos que compõem os sinais. Estudos de Quadros e Karnopp (2004) elucidam que a Língua de Sinais dispõe de cinco parâmetros linguísticos básicos, sendo eles respectivamente: configuração de mão; locação; orientação da mão; movimento e expressões não manuais. Estes parâmetros compõem os sinais, tornando o corpo um articulador da língua. Os sinais são realizados a partir do movimento das mãos e do ponto do corpo (ou espaço) onde este sinal é realizado. Sendo assim, a mesma configuração de mãos pode ter significado diferente a depender do local no corpo ou espaço onde é realizado o sinal. Portanto, para estabelecer a comunicação contemplando coesão e coerência, é necessário o conhecimento do campo semântico dos sinais associando à gramática da língua. Neste sentido, os saberes que envolvem a formação dos sinais e a gramática da Língua são necessários na formação de futuros professores que atuarão no contexto da escola inclusiva com estudantes surdos.

O objetivo deste relato é compartilhar as experiências vivenciadas por dezesseis acadêmicos no planejamento e na realização de duas oficinas de musicalidade com um grupo de estudantes surdos. A proposta de elaboração desta ação surgiu nas aulas da disciplina de Libras, no curso de Música - Licenciatura, ministradas durante o segundo semestre do ano de 2019. A disciplina de Libras é

ofertada como disciplina obrigatória no curso de Música - Licenciatura no sexto semestre do curso. O objetivo que se destaca na disciplina é alcançar conhecimentos sobre o desenvolvimento linguístico e cultural dos surdos, desenvolver condições de iniciar contato interativo com surdos por meio da Libras e, principalmente conhecer estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. Sendo que, este último objetivo é mobilizador na formação de professores de música que encontrarão na sua futura ação docente estudantes surdos incluídos nas suas aulas de música na educação básica.

Nesse sentido, o objetivo maior das aulas esteve direcionado em proporcionar a música para que os surdos pudessem senti-la por meio da vibração e da visão, conhecer instrumentos diferentes e poder transcrever a experiência através das artes visuais.

3 O CONTEXTO DA SURDEZ E A PROPOSTA DE AÇÃO: POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA AULAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL PARA SURDOS

A inserção pedagógica se deu na Escola Estadual Doutor Reinaldo Fernando Cóser localizada no bairro Lorenzi, em Santa Maria/RS. A escola foi inaugurada no ano de 2001, atendendo os níveis de Educação Infantil, Ensino Fundamental, EJA (Anos iniciais e finais), Ensino Médio, até o Curso Normal - Formação de Professores Surdos. É importante assinalar que este espaço constitui a única escola de educação básica que oferta curso de formação de professores surdos profissionalizante no ensino médio na América Latina. A Escola tem como filosofia uma proposta de educação bilíngue para surdos, a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa, na modalidade escrita, como segunda (Projeto Político Pedagógico, 2008).



No contexto da escola encontramos as fases da infância, adolescência, idade adulta e terceira idade, integrando o público que circula nos corredores da escola. Os estudantes têm a Libras como primeira língua que faz parte de todos os espaços da escola. Neste sentido, os olhos são provocados a permanecerem atentos a todos os movimentos que a língua nos provoca, pois A Libras é visual e este elemento é essencial para estabelecer a comunicação. Na escola também estão inseridos estudantes surdos com deficiências e síndromes. Por estes e outros motivos, a escola Cóser é considerada uma escola inclusiva e as propostas de oficinas foram direcionadas para contemplar todas as diferenças pertencentes a este espaço educacional.

A equipe pedagógica da escola inclui profissionais surdos e ouvintes, que se engajam para promover o desenvolvimento do cidadão analítico, reflexivo e crítico, capaz de transitar emocional e intelectualmente pela sociedade (Projeto Político Pedagógico, 2008). Os princípios mencionados acima, foram sinalizadores para o planejamento das oficinas, elemento que fez parte das aulas da disciplina de Libras no curso de Música - Licenciatura no ano de 2019.

Para a compreensão de como acontece o entendimento da música pelas pessoas surdas, durante as aulas da disciplina foi convidada uma DJ surda, que compartilhou as experiências visuais e táteis utilizadas para sentir a música. O relato da DJ nos provocou a pensar sobre diferentes formas de perceber a musicalidade. Também, nos estimulou a explorar recursos tecnológicos utilizados por ela, possibilitando reflexões sobre a experiência da música por meio do olhar e da sensação corporal.

Um dos recursos utilizados foi um pequeno alto-falante que, conectado ao notebook, vibra de acordo com a música que está sendo tocada, evidenciando as nuances sonoras por meio da vibração. Também, outro recurso demonstrado em sala de aula foi um equipamento/dispositivo que emite cores diferentes a partir de estímulos sonoros externos. A DJ o utiliza para experienciar a



sonoridade/musicalidade das ondas do mar, a intensidade da chuva etc. Ela destacou o interesse em compreender o som que a natureza emite, pois acredita que há musicalidade quando percebe o movimento das folhas de uma árvore em dias ventosos. O relato da DJ nos mobiliza a pensar sobre o interesse dos surdos em relação à compreensão do mundo sonoro que envolve o movimento, tanto da natureza, como do trânsito, de objetos e da própria música.

Foi a partir desta vivência que iniciamos o planejamento da ação desenvolvida no contexto da escola. A organização se deu em dois momentos distintos. Primeiramente, pensamos em uma oficina com possibilidades para trabalhar pulso musical, e em segundo, uma oficina propondo experiências com diferentes instrumentos musicais.

Em termos práticos, no primeiro momento, a professora de Libras colaborou mantendo-se como apoio nas situações em que precisávamos da tradução de algumas narrativas dos estudantes surdos ou de apoio para manter o diálogo simultaneamente, conquistando a garantia de um ato comunicativo com qualidade. Todos sinalizaram seu nome e sinal e após as apresentações e diálogo inicial, damos início às atividades.

Inicialmente, nós, proponentes das oficinas, estávamos inseguros com a nova experiência, com a reação dos estudantes e equipe pedagógica e com o bom andamento das atividades. Contudo, a instabilidade foi se dissipando e as atividades fluíram bem, apesar de algumas adaptações, envolvendo o espaço físico e as condições de alguns alunos. Ao final, o clima das oficinas era amistoso, de curiosidade e muito aprendizado, alcançando os objetivos propostos no planejamento. É importante assinalar que ao decorrer das atividades, colocamos em prática alguns sinais que havíamos estudado durante as aulas, possibilitando o diálogo com os estudantes e professores surdos.

Em relação às práticas, a primeira oficina foi planejada pensado em etapas para melhor organização e fluidez das atividades. Primeiramente, todos os

participantes foram posicionados em semicírculo em cima de um tablado de madeira. Neste momento, sentimos a vibração provocada por uma pulsação eletrônica desenvolvida por um dos proponentes da oficina. Utilizando um editor de áudio, ele enfatizou a marcação de um determinado pulso empregando timbres que favorecessem a intensidade da vibração.

Ainda nesta atividade, os estudantes surdos acompanharam o pulso de acordo com as vibrações sentidas, marcando com chocalhos que conduziam a vibração para as mãos. Neste momento, projetamos diferentes cores na parede associando à pulsação marcada pelo ganzá. A cada vibração do pulso, a cor era trocada e o chocalho tocado em sincronia com a projeção das cores.

Ao final da oficina, realizamos um momento de relato dos estudantes acerca das sensações experienciadas durante a atividade. Esta etapa objetivou destacar a preferência dos surdos em relação à vibração associada ao apoio visual ou não. Ao final, a conclusão foi que os surdos preferem associar a vibração ao estímulo visual.

Ainda para a primeira oficina, o planejamento contemplou apresentar o instrumento contrabaixo tocando uma melodia, evidenciando o pulso musical. Então, deitados no tablado de madeira, batíamos as mãos no tablado ao sentir a vibração do som do instrumento, emitido pela caixa de som posicionada próximo ao tablado de madeira, potencializando as vibrações. O encerramento da primeira oficina se deu com a sinalização da música *Fumaça,* do Estêvão Marques, que foi traduzida, estudada e sinalizada com os alunos surdos.

Sintetizando, a primeira oficina envolveu atividades com vibro-acústica, experiência visual, movimentos corporais e registro gráfico da experimentação musical. A avaliação da prática se deu por meio de relatos sinalizados e de registros gráficos feitos pelos alunos ao final da oficina que mostraram a relação de cada participante com os colegas, professores, materiais e ambiente durante as atividades. Os registros foram realizados na escrita da Língua de Sinais pelo sistema

SignWriting, já utilizado pelos alunos surdos no contexto da escola e estudado pelos acadêmicos.

A segunda oficina envolvia atividades utilizando instrumentos musicais. Nesta prática, os alunos apreciaram, sentiram, conheceram e exploraram os instrumentos selecionados, sendo eles: contrabaixo, flauta doce, acordeom, violino, violão e teclado. Após as orientações sobre a dinâmica da oficina, utilizamos como recursos um balão e uma caixa de papelão, materiais que transmitem de forma mais clara e intensa a vibração provocada pelos instrumentos tocados. Os proponentes das oficinas tocavam o instrumento e os surdos aproximavam o balão ou a caixa de papelão para sentir a vibração do som por meio deste material.

Todos os instrumentos foram explorados pelo mesmo tempo e nas mesmas condições. Ao realizar a atividade, os surdos sinalizavam a avaliação de cada sensação. Com isso, constatamos que a flauta doce é o instrumento que menos proporciona sensações por provocar uma vibração menos intensa. Os demais instrumentos foram bem avaliados pela emissão de vibrações, sendo que, o contrabaixo é o instrumento que foi mais valorizado pelos surdos.

Esta oficina foi encerrada com uma adaptação da música *Loja do mestre André,* do folclore brasileiro. A letra adaptada pelos proponentes da oficina, acadêmicos do curso de Música-Licenciatura, valorizou os aspectos culturais das pessoas surdas, procurando contemplar as especificidades dos surdos, garantindo sentido e significado na sinalização da letra. A adaptação ficou da seguinte forma:

Fui na aula de música e senti o violino, e senti o violino.
Eu brinquei, eu brinquei e senti o violino.
Eu brinquei, eu brinquei e senti o violino.

Ao final da segunda oficina foi construído um mural com os trabalhos gráficos realizados na oficina anterior, de modo colaborativo. A partir dos desenhos, observamos que os alunos representaram elementos presentes na primeira oficina,



marcando a presença dos instrumentos musicais, dos participantes, das músicas *Fumaça* e *Loja do Mestre André.*

A partir destas práticas, percebemos e vivenciamos os desafios de se pensar em ações didático-pedagógicas para estudantes surdos levando em consideração e valorizando as questões culturais da visualidade, do movimento, das sensações. Cabe destacar que a proposta da ação foi panejada para ser realizada ao final do semestre, assim, os acadêmicos se dedicaram ao estudo da Libras para manter o diálogo sinalizado com os alunos surdos. Junto disto, investimos no estudo dos sinais da área de música, dos instrumentos musicais e os necessários para as orientações no momento das oficinas. Os futuros professores de música se organizaram em pequenos grupos, estudaram o planejamento e realizaram estudo intensivo da Libras para manter o diálogo em Libras com os surdos durante as oficinas.

4 REFLEXÕES PROVISÓRIAS SOBRE O VIVIDO

A intenção proposta por este relato é provocar os professores de música em formação inicial a pensar em produzir estratégias pedagógicas para o ensino de música para surdos. É relevante destacar as reflexões que permearam a proposta das oficinas de música para surdos, considerando o direito humano de participar das aulas deste componente curricular na educação básica.

Ainda, cabe destacar que, a partir da garantia do direito a participar das aulas de música na escola, não se deve ignorar o direito destes estudantes em rejeitar a participação nas aulas justificando a ausência de sentido e significado da música para a sua condição cultural, este é um elemento que precisa ser considerado em debates futuros.

Assim, é possível destacar que:



- ✓ A disciplina de Libras na matriz curricular do curso de Música - Licenciatura constitui um movimento que favorece a qualificação do futuro professor de música a atuar no contexto pedagógico inclusivo;
- ✓ Aulas de música para surdos precisa de planejamento, adequações, respeito às especificidades do surdo, como estímulo a visão e ao tato;
- ✓ As letras de algumas músicas precisam ser adaptadas para contemplar sentido cultural do surdo;
- ✓ A exigência da visualidade durante as aulas de música para surdos é desafiadora para os acadêmicos do curso de música, que desenvolvem outros canais ao longo da formação, principalmente o canal da audição;
- ✓ É preciso desconstruir o conceito que permeia a cultura musical como sendo um privilégio apenas para ouvintes;
- ✓ O estudante surdo precisa ser contemplado com o direito de participar das aulas de música na educação básica;
- ✓ Recursos didáticos possíveis como o uso de projeção de cores utilizando o canal da visão dos surdos, estimula o desenvolvimento da percepção musical nos estudantes surdos, favorecendo a qualidade das aulas e respeitando as especificidades culturais;
- ✓ A utilização de instrumentos musicais com maior vibração proporciona uma experiência musical mais significativa aos surdos;
- ✓ Surdos têm interesse em conhecer e sentir os instrumentos musicais, pois no contexto social se deparam com a imagem dos instrumentos e de cenas que envolvem a música;
- ✓ O uso de recursos como balões e caixas de papelão favorece sentir a vibração de instrumentos musicais.

É nesse sentido que consideramos as oficinas realizadas pelos professores em formação inicial do curso de Música – Licenciatura, uma contribuição para as discussões realizadas no campo da formação de professores.



Ser professor de todos é o elemento desafiador para a prática docente futura. Assim, acreditamos que este relato fomenta o reconhecimento da relevância de pensar em estratégias didático pedagógicas para a inclusão do estudante surdo no contexto das aulas de música na educação básica.

Referências:

ALMIR CRISTIANO. **Leis sobre Libras e Surdez**. Disponível em: <https://www.Libras.com.br/lei-de-Libras>. Acesso em: 04/08/2020

BENENZON, Rolando **O. Manual de Musicoterapia/ Rolando O. Benenzon**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

BÜNDCHEN, Denise Blanco Sant'Anna. A relação ritmo-movimento no fazer musical criativo: uma abordagem construtivista na prática de canto coral. **Dissertação** de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/5808. Acesso em: 11/03/2024

BRUGALHO FILHO, A. F. et al. **Musicoterapia e Surdez**: A Reação de Surdos aos Instrumentos Musicais. Temas Sobre Desenvolvimento, v.9, p.28-34, 2001.

BRASIL. **Decreto Nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Câmara dos deputados, DF. Disponível em: Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br). Acesso em: 11/03/2024

BRASIL. **Lei Nº 10.436,** de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Palácio do Planalto, DF. Disponível em: L10436 (planalto.gov.br). Acesso em: 11/03/2024

Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser. **Projeto Político Pedagógico**. Santa Maria, 2008.

GESSER, Audri. **LIBRAS?:** Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

GOMES, I. V.; AKEHO, L. M. Musicalização para Surdos: contextualização e possibilidades de abordagem. **Revista Formação Docente**, v.6, n.2, p.53-76, 2014.



GRIEBELER; Wilson Robson; SCHAMBECK, Regina Fink. Educação Musical para surdos: um estudo exploratório dos trabalhos produzidos no Brasil e o trabalho desenvolvido por uma instituição inglesa. **Anais.** XVI Encontro Regional Sul da ABEM. Blumenau, SC. 2014.

HAGUIARA-CERVELLINI, N. **A musicalidade do surdo***:* representação e estigma. Plexus editora, 2003. 212 ISBN 85-85689-71-4.

INES. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais**. Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/Libras/>. Acesso em: 04/08/2020

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. **"Educação musical hoje e, quiçá, amanhã".** Educadores Musicais de São Paulo: encontros e reflexões, Sonia Albano de Lima (org.), São Paulo, Nacional, 1998,

MCLAREN, Peter. **A pedagogia da utopia**: conferências na UNISC. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

PAULA, Tatiane Ribeiro Moraes de; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **A musicalidade das pessoas surdas:** um olhar a partir da teoria histórico-cultural. DELTA 38 (1), 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1678-460X202257176. Acesso em: 11/03/2024

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira:** estudos lingüísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

RODRIGUES, Igor Ortega. Os efeitos da musicoterapia através do software Cromotmusic em aspectos sensoriais, emocionais e musicais de crianças e jovens sursdos: ensaio controlado randomizado. **Dissertação** de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Lume Repositório Digital, Porto Alegre, 2015. Disponível em: Os efeitos da musicoterapia através do software Cromotmusic em aspectos sensoriais, emocionais e musicais de crianças e jovens surdos : ensaio controlado randomizado (ufrgs.br). Acesso em: 11/03/2024

RODRIGUES, I. O.; GATTINO, G. S.; SANTOS, R. A. T. **Audiovisualidade em música:** processos perceptivos e cognitivos. Educação, artes e inclusão, v.9, n.1, p.95-122, 2014.

RODRIGUES, I. O.; GATTINO, G. S. Música, Musicoterapia e surdez: uma revisão literária. **Revista Nupeart**, v.14, p.56-73, 2015.

RODRIGUES, I. O. Os efeitos da musicoterapia através do software Cromotmusic em aspectos sensoriais, emocionais e musicais de crianças e jovens surdos: ensaio



controlado randomizado. 2015. **Dissertação** de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas: Saúde da criança e do adolescente, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre –RS.

SACKS, Oliver. Razão e sensibilidade: a variação da musicalidade. In: SACKS, Oliver. **Alucinações musicais:** Relatos sobre a música e o cérebro. Tradução: MOTTA, Laura Teixeira. São Paulo: Companhia das Letras. 2007. p 41-50.

SACKS, O. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido Pensante**. Trad. Marisa Trench de Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Unesp, 1991.

SIMÕES, Sandro Nery. A importância da educação musical em antigas civilizações e no Brasil com a aprovação da Lei nº. 11.769/2008. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 184. Set/2016. Ano XVI.

Thaynara Lima Lessing
Thaynara Lima Lessing é habilitada em nível técnico para atuar como professora unidocente nos níveis de Educação Infantil e Anos Iniciais. É graduada em Música-Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Trabalhou na rede privada de educação básica na cidade de Santa Maria, atuando com educação infantil e anos iniciais como professora de Música. Atualmente, trabalha em escola privada de música ministrando aulas individuais e coletivas de musicalização, teclado, violão, ukulele, técnicas vocais e práticas instrumentais em grupo. Além disso, trabalha como professora conteudista no projeto UFSM em REDE com a Educação Básica, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria, produzindo materiais didáticos voltados à área da Educação Musical. Ainda, é professora-formadora, ministrando oficinas de formação musical e pedagógico-musical para docentes. É Mestre em Educação (UFSM), pós-graduada em Musicoterapia (FAVENI), e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) na UFSM, onde cursa Doutorado em Educação na Linha de Pesquisa 4 (Educação e Artes).
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-3353-2521
E-mail: thaynaralessing@gmail.com

Caroline de Azevedo Echer Rech
Caroline de Azevedo Echer Rech é graduada em Música - Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora de música há 11 anos, é diretora e co-fundadora da Musicale - Escola de Música, em Caxias do Sul - RS. Possui especialização em Intervenções Precoces no Autismo, pelo CBI of Miami, e em Musicoterapia, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).
ORCID: https://orcid.org/0009-0005-0809-9767
E-mail: echercarol@gmail.com

Letícia de Azevedo Echer Dal'Carobo
Letícia de Azevedo Echer Dal'Carobo é graduada em Música - Licenciatura Plena, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), atua como professora de música há 11 anos e é diretora e co-fundadora da Musicale - Escola de Música. É formada na pós-graduação em Intervenções Precoces no Autismo pelo CBI of Miami e na pós-graduação em Musicoterapia, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-2574-3332
E-mail: leticia.aecher@gmail.com

Giovana Medianeira Fracari Hautrive
Professora adjunta no Departamento de Educação Especial, Centro de Educação, na Universidade Federal de Santa Maria/RS. Graduada em Letras Libras, habilitação Licenciatura em Língua Brasileira de Sinais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018). Graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (1999). Especialista em Educação Infantil pelo Centro Universitário Franciscano (2003). Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2011). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2016). Atuou como professora alfabetizadora na educação básica de 2001 até 2016. Desde 2009 é Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas: Ensino Básico e Superior – GPFOPE. Desde 2016 é servidora na UFSM assumindo disciplinas de Libras no universo dos cursos de Licenciaturas e Cursos de Bacharelados da instituição. Campo de pesquisa na área da educação inclusiva, educação de surdos, ensino e aprendizagem de segunda língua.
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-1587-6001
E-mail: giovana.hautrive@ufsm.br

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 21 de março de 2024
Aceito em 25 de março de 2024

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 62
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

REVISTA 62
LINGUAGEM, PERCEPÇÕES E HISTÓRIAS: CONHECIMENTOS QUE NOS ATRAVESSAM



Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/